

## A arte De sentir Com o Outro para Contar uma História no Jornalismo<sup>1</sup>

Luiza GOULD<sup>2</sup>

Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ

### RESUMO

A pesquisa aqui apresentada se volta para a empatia durante a imersão jornalística no cotidiano de vidas anônimas, transformadas em personagens de reportagens sociais. Intenciona-se descobrir como o que é vivido entre repórter e entrevistado durante a apuração reflete sobre as escolhas profissionais, resultando ou não em representações mais justas do Outro. Para tanto, serão empregados: 1. trabalho de campo etnográfico no Observatório da Vida Agreste, laboratório da Universidade Federal de Pernambuco; 2. Entrevistas; e 3. Análise discursiva das reportagens produzidas. Espera-se que esta seja uma contribuição para o campo explorar a potência de sua função social.

**PALAVRAS-CHAVE:** empatia; reportagem; marginalizado social; encontro; cotidiano.

### INTRODUÇÃO

O homem teve as terras roubadas e eu quero saber disso, mas eu quero saber o que ele faz no meio e enquanto isso [...] E pra que terra, a terra que vai estar no título da matéria – ou a bala que rende manchete mais forte? A terra serve pra abrigar a casa; a casa serve pra abrigar a panela; a panela serve pra abrigar a graxinha da galinha. Todas servem para abrigar uma dupla que sabe que provavelmente não voltará a se ver (MORAES, 2021).

A jornalista, pesquisadora e docente Fabiana Moraes possui uma carreira marcada por experiências longas e contínuas de atravessar a porta da casa de alguém. Na reflexão acima, feita em uma de suas redes sociais, ela mostra que há algo profundo e de difícil definição por trás do encontro estabelecido em Caiçarinha, distrito de Choró Limão (CE); algo muito além de condecorações, manchetes e do conflito da terra.

O que instiga a repórter integra um cenário mais amplo, no qual o que está posto é se a “imersão na singularidade de uma vida e a experimentação de suas vicissitudes” (SERELLE, 2020, p. 61) podem ultrapassar a afetação do Eu para gerar uma consciência mais crítica e intervenções efetivas no cotidiano.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na DT 1 – Jornalismo do 26º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 1º a 3 de junho de 2023.

<sup>2</sup> Doutoranda do Curso de Mídia e Cotidiano da UFF, email: [luizagould@gmail.com](mailto:luizagould@gmail.com).

Estamos no âmbito da reportagem. A jornalista experimenta as vicissitudes de outra vida por dias, semanas, meses e até anos. Está ali presente como ser humano, mas também como profissional, o que nem sempre será facilmente assimilado por quem a recebe, pois se trata de uma relação complexa<sup>3</sup>. Após o período de imersão, ela contará uma história sobre quem é vitimizado por violências que nunca será capaz de compreender, pois não é possível ser outra pessoa, embora uma conexão possa se estabelecer. A repórter precisará selecionar, hierarquizar, expor a partir do seu olhar, mediar. Tem-se a constituição da personagem, essa sim apresentada ao leitor. Até que ponto e, principalmente, de que forma um encontro empático estabelecido na apuração pode resultar na consciência crítica de contexto e na representação justa do Outro na reportagem social?

## METODOLOGIA

Para responder a essa pergunta norteadora, acompanharei durante três anos<sup>4</sup> o trabalho desenvolvido no projeto de extensão *Reportagens Especiais*, coordenado por Fabiana Moraes no Observatório da Vida Agreste (OVA)<sup>5</sup>. As atividades ali consistem na apuração e elaboração, por parte dos alunos<sup>6</sup>, de produtos jornalísticos publicados na plataforma Medium. Algo digno de frisar é o fato de alguns deles integrarem também o grupo *Mídia e subjetividade*, que realiza dentro do OVA levantamento bibliográfico sobre a manutenção do poder na produção noticiosa e as estratégias insurgentes. Esse celeiro de debates é um ponto de partida para que sejam consideradas na prática a presença do repórter, o diálogo e a sensibilidade, na seara do que pretendo examinar.

Junto aos estudantes, empregarei a observação participante e a descrição densa (GEERTZ, 1989), técnicas da Etnografia. Quero entender, da reunião de pauta até a apuração, quais escolhas prévias fazem, como se portam em campo, do que falam, quais perguntas elaboram e de que forma elas são recebidas, como esses estudantes reagem ao que ouvem, quais imprevistos surgem.

---

<sup>3</sup> Eis um exemplo: por mais de um ano, Fabiana Moraes (2015) manteve um contato próximo com a cabeleireira Joicy Melo da Silva, acompanhando sua luta para deixar de ser João Batista a partir de uma cirurgia de mudança de sexo pelo SUS. O convívio envolveu a criação de uma dependência afetiva e financeira por parte de Joicy.

<sup>4</sup> Esta é uma pesquisa de doutorado iniciada em 2023 no Programa de Pós-graduação em Mídia e Cotidiano, da UFF.

<sup>5</sup> Criado em 2016, esse laboratório de pesquisa reúne alunos de Comunicação Social da Universidade Federal de Pernambuco, no Centro Acadêmico do Agreste.

<sup>6</sup> Eles possuem entre 18 e 25 anos, passam em média dois anos no observatório e residem em cidades do interior como Bezerros, Garanhuns, Cachoeirinha e Caruaru. As pautas costumam nascer das demandas desses locais.

A entrevista com os participantes da pesquisa será empregada de maneira complementar. Ela será útil para entendermos, por exemplo, como quem reporta enxerga o seu fazer, a empatia e as vivências do campo que influenciam decisões em etapas posteriores<sup>7</sup>. Soma-se à entrevista a Análise de Discurso das reportagens para contemplarmos os rastros dos processos de significação (ORLANDI, 2005) no texto.

## FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Cremilda Medina (2008, p. 67) afirma que o jornalismo, enquanto fenômeno social, é portador de longo fôlego na arte de tecer o presente. A expressão considera o fruto do trabalho jornalístico como construção, o que de fato é, desde a pauta criada até a produção e a edição do material recebido pelo público: tudo demanda escolhas. Essas etapas, portanto, não podem ser abarcadas unicamente pelo método cartesiano nem pelo positivismo, ambas as correntes voltadas ao privilégio da razão e responsáveis em grande parte pela maneira como o jornalismo se apresenta nos dias atuais.

A objetividade, segundo a perspectiva reducionista que a agrega à neutralidade e à imparcialidade, é legado dessas bases. Ela muito já foi contestada diante do impedimento de fatos falarem por si; é tratada enquanto ritual estratégico (TUCHMAN, 1993) pela mídia, com recursos voltados a resguardar os profissionais; é excludente em seus valores-notícia (GOULD, 2022) com potencial de propagar machismo e racismo. Mas, pode envolver critérios que, aliados à subjetividade, levem a uma prática profissional reconhecidamente ativista. Estaria aí o mote do Jornalismo de Subjetividade, proposto por Moraes (2022): o/a jornalista acusa a sua presença, o lugar de onde fala, sem, por isso, abrir mão da necessária apuração, da polifonia e da percepção/ação frente às sub-representações que atingem os marginalizados sociais.

Bebendo da fonte do Jornalismo de Subjetividade, Victor Rocha (2022, p. 193) defende o uso estratégico das sensibilidades por parte de um jornalista-autor que precisa afetar um público diverso a partir do imaginário e, ao mesmo tempo, estimular nele a visão complexa acerca do cotidiano. O autor percebe esse fazer inseparável da empatia:

Verificamos por várias vezes a empatia como elemento decisivo ao jornalismo narrativo e sensível, tanto por ser determinante ao próprio

---

<sup>7</sup> Recurso semelhante foi usado por David White em estudo de 1950 sobre a seleção noticiosa. Além de pedir para o editor telegráfico Mr. Gates assinalar nas notícias que rejeitava as explicações para as suas escolhas, White o fez perguntas ao fim do experimento, considerando as respostas relevantes para a pesquisa.

jornalista em seu ofício, na construção de produções informativas que reflitam a pluralidade das realidades do cotidiano [...] quanto por se tornar um estímulo possível e provável ao receptor diante da construção detalhada de cenários e imersão em novas histórias (Ibidem, p. 162).

A empatia é definida pelo filósofo Roman Krznaric (2015, p. 10) como a “a arte de se colocar no lugar<sup>8</sup> do outro por meio da imaginação, compreendendo seus sentimentos e perspectivas e usando essa compreensão para guiar as próprias ações”. Nessa arte está posto o Eu que demanda necessariamente o Tu. Não à toa, Krznaric irá citar o judeu Martin Buber (2001, p. 61), interessado num diálogo envolto em desafios:

Todavia a grande melancolia de nosso destino é que cada Tu em nosso mundo deve tornar-se irremediavelmente um Isso. Por mais exclusiva que tenha sido a sua presença na relação imediata, tão logo esta tenha deixado de atuar ou tenha sido impregnada por meios, o Tu se torna um objeto entre objetos [...] Agora eu posso, de novo, extrair dele o colorido de seus cabelos, de sua voz ou de sua bondade.

No momento da apuração pode ser que haja o Eu-Tu, vocábulo representativo de uma forma de ser do homem no mundo da relação – Eu atuo sobre alguém (Tu), que atua sobre mim. Mas, depois do cotidiano compartilhado, quando o repórter precisa descrever aquele que foi Tu, ele já está diante do Isso, forma de ser do homem no mundo do uso – Eu percebo, experimento, represento, quero, sinto ou penso em alguma coisa (Isso). Se, como atesta Krznaric (2015, p. 81) a partir da leitura de Buber, humanizar o Outro é sair da condição Eu-Isso, como de volta a ela o jornalista ainda pode cumprir tal papel? Essa é outra indagação que, somada a nosso problema de pesquisa, fornece um panorama, aqui brevemente embasado, de nossas inquietações.

## CONTRIBUIÇÕES DA PESQUISA

Roman Krznaric é um defensor da empatia por enxergar nela uma chave para a mudança social, capaz de transpor divisões que resultem em violências, violações dos direitos humanos e na degradação ambiental. A empatia, afirma, é “[...] uma força coletiva que pode alterar os contornos da paisagem social e política” (KRZNARIC, 2015, p. 19). Essa perspectiva ancora o que se pretende ter como contribuições desta pesquisa. Investigar a empatia, a possibilidade de sua presença no encontro estabelecido

---

<sup>8</sup> Optamos por empregar no título deste trabalho a expressão “sentir com o Outro”, da cientista Brené Brown, por entendermos que não é possível “se colocar no lugar” de alguém em um sentido literal.

entre repórter e vida anônima bem como suas consequências para a representação dessa vida é, enfim, a busca pelo que o campo tem de potente: sua função social de trazer luz a fatos, abusos e abismos, de forma a gerar transformação a partir do coletivo.

## REFERÊNCIAS

BUBER, M. **Eu e Tu**. Tradução do alemão, introdução e notas por Newton Aquiles Von Zuben. São Paulo: Centauro, 2001.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1989.

GOULD, L. **A “arte de sujar os sapatos” com a grande reportagem social**. Curitiba: Appris, 2022.

KRZYNARIC, R. **O poder da empatia**. A arte de se colocar no lugar do outro para transformar o mundo. Rio de Janeiro: Zahar, 2015.

MEDINA, C. **Ciência e jornalismo**: da herança positivista ao diálogo dos afetos. São Paulo: Summus, 2008.

MORAES, F. **O nascimento de Joicy**: transexualidade, jornalismo e os limites entre repórter e personagem. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2015.

MORAES, F. É bom, mas dá azia. Dá, mas eu tomo chá de boldo. Caiçarinha, Choró Limão (CE). 10 out. 2021. Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/CU3ive5LCTL/>>. Acesso em: 8 abril 2023.

MORAES, F. **A pauta é uma arma de combate**: subjetividade, prática reflexiva e posicionamento para superar um jornalismo que desumaniza. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2022.

O PODER da empatia. Dra. Brené Brown. Canal Afetoterapia, Animações RSA, 2015 (2min53). Disponível em: <[https://youtu.be/Q6rAV\\_7J5T0](https://youtu.be/Q6rAV_7J5T0)> Acesso em: 8 abril 2023.

ORLANDI, E. P. **Análise de Discurso**: princípios & procedimentos. 5. ed. Campinas, SP: Pontes, 2005.

ROCHA, V. **O Jornalismo Sensível**: leituras plurais da realidade apresentada pelos afetos. Appris Editora, Curitiba, 2022.

SERELLE, M. A personagem no jornalismo narrativo: empatia e ética. **Revista Mídia e Cotidiano**: revista do Programa de Pós-graduação em Mídia e Cotidiano da UFF, Niterói (RJ), v. 14, n. 2, p. 44-62, maio-ago. 2020.

TUCHMAN, G. A objectividade como ritual estratégico: uma análise das noções de objectividade dos jornalistas. In: TRAQUINA, N. (org.). **Jornalismo**: questões, teorias e ‘estórias’. Lisboa: Bega, 1993, p. 74-90.

WHITE, D. Gatekeeper: uma análise de caso na seleção de notícias. In: TRAQUINA, N. (Org.). **Jornalismo**: questões, teorias e ‘estórias’. Lisboa: Vega, 1993.